

Eixo Temático

6. História das Instituições Escolares no Campo

Título

JOVENS EGRESSOS DA PRIMEIRA CASA FAMILIAR RURAL DE SANTA CATARINA – QUILOMBO-1997

Autor(es)

Luiz Paulo Monteiro¹
Marli Terezinha Szumilo Schlosser²

Instituição

Unioeste - Campus de Francisco Beltrão (PR)

E-mail

lupamonteiro@yahoo.com.br
marlisch20@hotmail.com

Palavras-chave

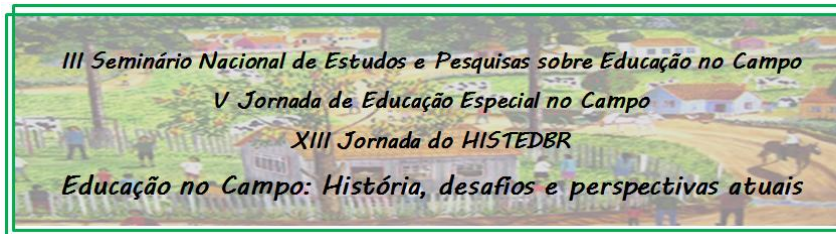
Casa Familiar Rural, Pedagogia da Alternância, Jovens.

Resumo

O presente trabalho, trata de dados preliminares de uma pesquisa relacionada à primeira turma de jovens egressos da Casa Familiar Rural (CFR) do Estado de Santa Catarina, no município de Quilombo em 1997. Pretende-se buscar a compreensão do processo de formação dos jovens da CFR Santo Agostinho de Quilombo, como objeto de delimitação de estudo, fazendo retomada histórica de formação desta instituição. Além disso, pretende-se também analisar a importância da Pedagogia da Alternância na formação dos jovens, suas famílias e conseqüentemente a situação socioeconômica destes sujeitos, como a preparação desses jovens no mundo do trabalho, numa relação

¹Mestrando em Geografia pela Unioeste - Campus de Francisco Beltrão (PR). Integrante do Laboratório de Pesquisa LEG – Laboratório de Ensino de Geografia e Linha/Grupo de Pesquisa ENGEO – Ensino e Práticas de Geografia, número de grupo 34953/2011, cadastrado junto à Unioeste (lupamonteiro@yahoo.com.br).

²Doutora em Geografia, professora do curso de Geografia e Mestrado em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon/PR. Integrante do Laboratório de Pesquisa LEG – Laboratório de Ensino de Geografia e Linha/Grupo de Pesquisa ENGEO – Ensino e Práticas de Geografia, número do grupo 34953/2011, cadastrado junto à Unioeste (marlisch20@hotmail.com)



dialética. Busca-se, entender como se caracterizam os instrumentos da Pedagogia da Alternância.

Texto Completo

Entende-se que a atual conjuntura agrária do Oeste de Santa Catarina se caracteriza pelas pequenas propriedades rurais, fruto do processo de colonização dos migrantes Ítalo-Teuto Sul Rio-Grandenses, não deixando de ignorar o processo de ocupação dos povos indígenas e dos “caboclos”.

Sabe-se que atualmente junto com as pequenas propriedades rurais, existem as agroindústrias que tentam impor seu poder sobre os camponeses, por meio do modelo de “integração e parceria”.

Nesse sentido, o sistema imposto pelas agroindústrias, pressupõe-se um modelo de exclusão social e econômico, que acaba seguindo determinados estereótipos, desvirtuando-se do seu lugar de convivência.

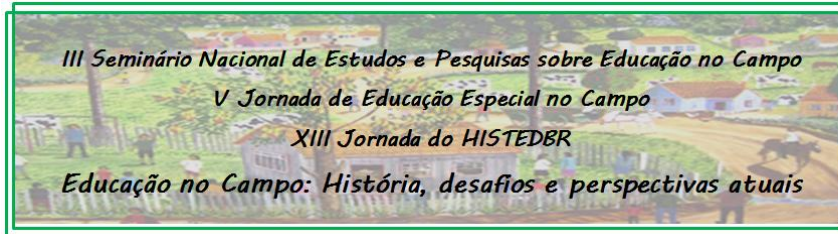
O processo de modernização imposto pelas agroindústrias, fez com que boa parte da população do campo, fosse excluída, além do próprio processo articulado pelas mídias, ao impor um modelo de qualidade para a produção, um perfil padrão para os camponeses, vinculado à quantidade de produção, entre tantos outros fatores.

Um dos instrumentos que as agroindústrias de suínos e aves, juntamente com a força governamental utilizam para colocarem sua hegemonia é justamente não assegurar às populações jovens uma educação do/no campo adequada aos seus anseios.

Assim sendo, ludibriam ideologicamente os jovens para se criar um exército absoluto de mão de obra barata e doutrinado para os serviços no interior de um frigorífico e/ou mesmo dentro da sua própria propriedade, conduzindo-os para a ilusão de “parcerias e integração”.

Para Abramovay (2001, p. 45), “a atual formação escolar dos jovens rurais contribui decisivamente para sua inserção subalterna no mercado de trabalho urbano”.

No entanto, conta-se hoje, com instituições escolares, principalmente as que nascem no interior de movimentos sociais que procuram não vincular e reproduzir o paradigma de desvalorização do jovem do meio rural, tanto social quanto econômico.



Nesta ótica, é importante destacar a CFR como uma destas entidades que tentam valorizar o jovem em seu meio, na sua realidade.

Para Arroyo (2009, p.12-13), existe a necessidade de “entender os processos educativos na diversidade de dimensões que os constituem como processos sociais, políticos e culturais”, formadores do ser humano e da própria sociedade, portanto, pesquisar este modelo de formação é transitar nesta perspectiva, buscando incluir aqueles que historicamente foram sendo excluídos do sistema.

Evidencia-se desta forma que, o espaço de vivência destes jovens, vem sendo historicamente modificado, em virtude do processo de especialização do processo produtivo, e a integração crescente da agricultura vinculada ao agronegócio.

Assim, nesta lógica capitalista, as propriedades rurais se estruturam a partir das especializações de produção que as agroindústrias vão impondo, deixando de lado a subsistência.

Faltam escolas com ensino contextualizado de acordo com a realidade do campo, faltam opções de formação técnica, emprego, condições dignas de saneamento, de saúde e ambientes para lazer e cultura, não vinculada ou amarrada a esse sistema de exclusão.

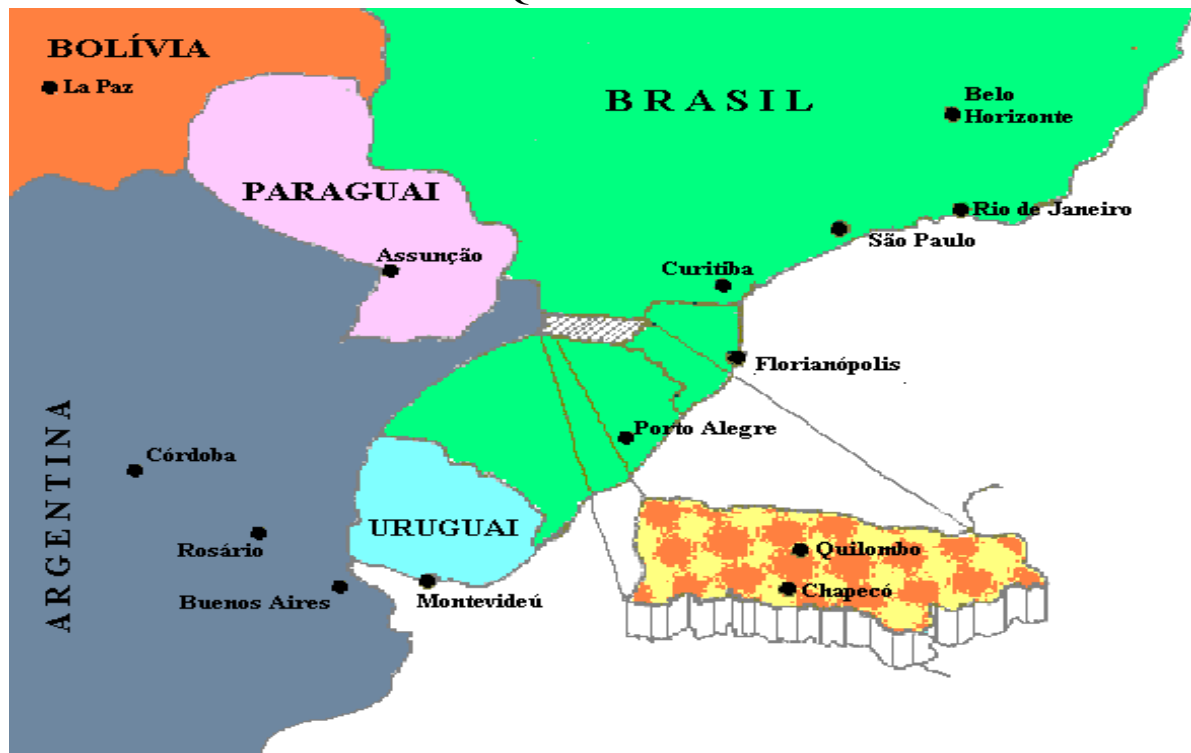
Diante de tantas carências e do apelo frequente da mídia mostrando os grandes centros urbanos repletos de possibilidades, a saída do campo parece para muitos jovens, a opção para garantir a melhor qualidade de vida.

No entanto, mostra-se urgente a busca de estratégias e caminhos para a construção de políticas públicas que criem condições dignas de sobrevivência no campo, com qualidade de vida e oportunidade para todos.

A CFR Santo Agostinho localizada em Quilombo/SC, tem sua história traçada, a partir de um programa de intercâmbio entre Brasil e França desde 1990. Agricultores e autoridades visitaram aquele país, conheceram o projeto e o implantaram, após um debate com a comunidade.

Desta forma, a comunidade, entusiasmada com os depoimentos, organizou-se, por afinidade e interesse, na busca de criar mecanismos para a educação que venha de encontro aos anseios dos jovens e suas famílias no/do campo, fundando a instituição mencionada.

Figura 1- Representação parcial da América do Sul, destaque para região Oeste de Quilombo.



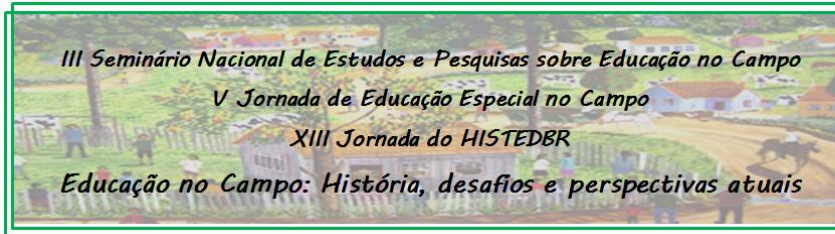
Fonte: Testa et al. 1996 Adaptado– in Estevan. O município de Quilombo está localizado a 45 quilômetros de Chapecó e a 680 km da capital do Estado (Florianópolis).

De acordo com a Figura 1, a área de estudo compreende o município de Quilombo, no Oeste Catarinense, sendo este último o espaço onde foi implantada a primeira CFR no Estado de Santa Catarina, em 1997.

A implantação ocorreu a partir do momento do lapso econômico e social do meio rural e êxodo rural, principalmente entre as populações mais jovens, em virtude das sucessivas crises econômicas que o país passou nos últimos anos.

Buscar-se-á fazer uma análise do primeiro grupo de jovens formados, e uma análise estrutural da formação recebida nesta instituição, levando-se em consideração a perspectiva atual dos jovens formados a partir da condição socioeconômica dos mesmos. Além disso, uma reflexão a cerca da forma pela qual os jovens foram preparados para o mundo do trabalho, a partir da Pedagogia da Alternância.

De certa forma, nestes espaços educativos, há resistência contra o sistema, buscando valorizar as características da unidade produtiva familiar, bem como o



respeito pelo meio ambiente, da sua própria família, incentivando a produção de subsistência.

Para Saquet (2004, p.123), “o território” se constitui “como fruto do processo e domínio de um espaço”, onde as “relações de poder econômico, político e cultural” se articulam como num verdadeiro “campo de forças”.

Desta maneira, a CFR de Quilombo, pode tornar-se mecanismo de propagação tecnológica e ideológica de resistência, visando os princípios do desenvolvimento sustentável.

A partir do próprio Projeto de Vida do Jovem, o mesmo apresenta as características de discussão com a família, as diferentes perspectivas de desenvolvimento de atividades na unidade de produção do campo.

Para Santos (2003, p.46) o território “apresenta-se cada vez mais rígido, isto é, produzido para atender a uma determinada produção. Onde cada coisa tem o seu lugar: a indústria, o rico, o pobre, o território do dinheiro”. Esse processo é fruto da composição técnica e orgânica do capital. Para o autor toda a produção é técnica, mas ela é, sobretudo, socioeconômica.

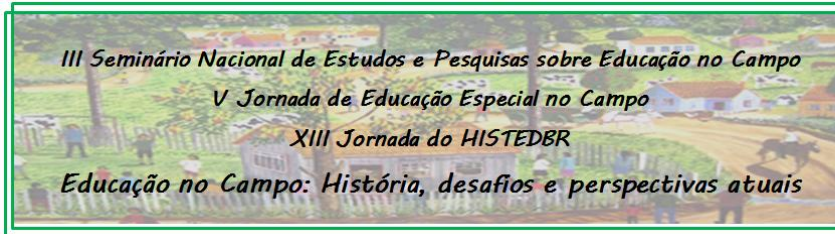
Nesse sentido, para Saquet (2004, p.123) os “territórios são produzidos espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social”.

Por isso, é importante fazer análise ampla em escala não somente local, mas também buscar suporte na escala global e histórica para compreender o processo de formação das CFRs e conseqüentemente, as relações dialéticas daquele determinado espaço.

Compreende-se que o discurso dos meios de comunicação em massa e também de daqueles que se apoderam das riquezas, descrevem que o campo em uma relação de subserviência da indústria, onde a produção do meio rural está a serviço da produção de alimentos garantindo a sobrevivência da humanidade.

Por outro lado, compreende-se que o campo é um espaço de vida, de respeito ao semelhante e também à natureza, mas acima de tudo de valorização dos sujeitos.

Porém, é importante destacar que nesta lógica desse sistema, vários são os problemas que são ocasionados.



A degradação do meio ambiente, aceleração do processo de êxodo rural e que evidentemente, não acabou a fome no mundo, concentrando riquezas e acentuando o processo de miséria, ampliando o processo de concentração fundiária.

Por outro lado, temos a resistência que se vincula por meio de práticas que vão à contramão desse sistema, inclusive em alguns espaços educativos do campo.

Torna-se importante, portanto fazer uma análise ampla da forma pela qual a educação do campo vai se configurando, numa perspectiva de alienação ou libertação, principalmente no que se refere às CFRs e, sobretudo dos jovens egressos do município de Quilombo, com base na Pedagogia da Alternância.

Dessa forma, a análise “e a incorporação dos dados contraditórios” [...] possibilitam o uso [...] “de diferentes técnicas de investigação”, como a pesquisa de campo e as entrevistas, como escreve Spósito, (2001, p. 102), na busca de compreender a história de vida.

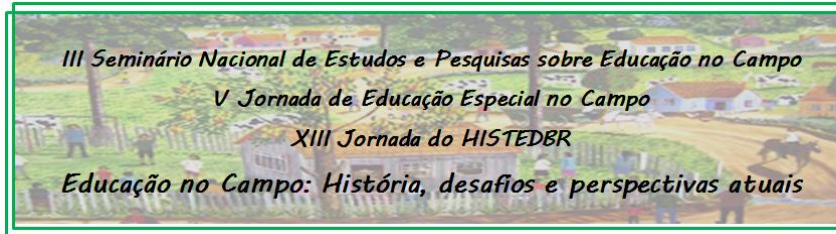
Afinal se trata de um espaço de conflitos e transformações das realidades, como descreve Santos (2003, p. 49), “pela tentativa de desvendar conflitos, a partir da análise histórica”.

Jovens Egressos da Primeira Casa Familiar Rural de Santa Catarina – Quilombo-1997

Os princípios da Pedagogia da Alternância estão baseados em assegurar o funcionamento de forma desburocratizada, barata e eficiente da aprendizagem do jovem e sua família, que vivem no seu meio socioprofissional. O jovem não se afasta, durante a sua permanência na CFR, das suas condições culturais e ambientais, do seu meio.

O conhecimento envolve necessariamente a família do jovem, desenvolvendo-se, integração social com a comunidade e essa proposta visa formar duas gerações.

O objetivo primordial é justamente fazer com que pais e filhos se unam para discutir os problemas de sua unidade de produção, e também estimular o dialogo, valorizando os diferentes conhecimentos e experiências, para a busca do desenvolvimento local sustentável e solidário.



Desta forma, o objetivo central das CFRs, é justamente tentar frear o êxodo rural presente em boa parte dos municípios do Oeste de Santa Catarina, alavancado principalmente a partir dos anos 80.

Como se pode observar no processo de integração, ele representou a solução para garantir matéria-prima às agroindústrias.

Assim a especialização nas unidades produtivas, garantiu maior produtividade à agroindústria, em detrimento ao constante processo de migração e depreciação dos valores e saberes tradicionais de boa parte da população campesina.

Este processo acabou alavancando o fator de exclusão, êxodo de considerável leva de agricultores e conseqüentemente dos jovens deste espaço.

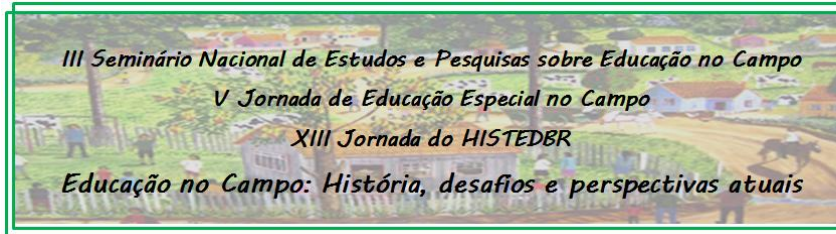
Segundo Testa, (1996, p.32), em 1980 havia 67 mil suinocultores, em 1996 esse número caiu para 20 mil. Atualmente, mais de 250.000 foram sendo expulsas por este processo de exclusão, somente na região Oeste de Santa Catarina.

O que contribui decisivamente para este processo de exclusão é a própria perspectiva de formação recebidas nas escolas, como destaca Skrzypczak,(2013, p.82), as quais tentam vincular um processo voltado para o trabalho alienado no campo e na cidade(principalmente nas grandes agroindústrias), ampliando o processo de migração e de exclusão.

Evidentemente, que a educação não pode ser vista como a redentora de todos os problemas. No entanto, é por meio dela que se pode pressupor boa parte da luta pelos direitos dos sujeitos, sobretudo nas populações campesinas jovens.

Nesse sentido, buscando uma formação diferenciada, não alienante, em virtude do processo de precarização do trabalho entre os jovens do meio rural, os educadores passam a dar fundamental atenção à escolha das palavras geradoras, discutidas e vinculadas aos temas que os jovens e suas famílias escolhem para dar sentido às suas ações.

Estes temas da alternância, buscam ter significação para o meio onde estão inseridos, sentido ao seu espaço de vivência, e conseqüentemente transformação de homens e mulheres, não podendo ser meras narrações de realidade, nem tão pouco revestir-se de sentido paternalista. (FREIRE, 1981.p.25).



A Pedagogia da Alternância não se apresenta como uma panacéia milagrosa, para resolver todos os males da educação nacional.

Entretanto, em virtude de priorizar o desenvolvimento do processo de transmissão/assimilação de novos conhecimentos através do construtivismo crítico, partindo do entendimento de que o mundo não é um dado adquirido, mas socialmente construído, contextualiza os temas a serem trabalhados na realidade do jovem.

A Pedagogia da Alternância, busca formação humanizada, na perspectiva de tentar minimizar alguns problemas educacionais existentes, que vão desde a falta de políticas públicas, até a formação de professores, e mesmo a própria perspectiva de currículo, que não respeita as especificidades dos povos do campo. (AZEVEDO,1998, p.121).

No que diz respeito ao processo de aprendizagem, as abordagens conceituais da Pedagogia da Alternância se nutrem de referenciais que se aproximam dos fundamentos enunciados por autores como Freinet, Decroly, Dewey, Cousinet, Montessori, Piaget e Freire (BEGNAMI, 2006, p.32).

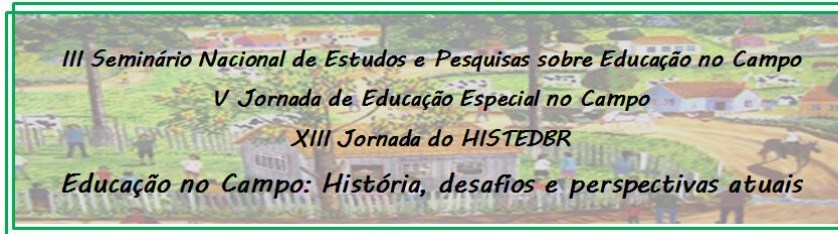
A primeira Casa Familiar Rural teve sua criação em função de reflexões e discussões de vários setores da sociedade e foi criada em 17 de novembro de 1937 em Lauzun, na França. Mas, essa abertura foi precedida de dois anos de experiência num pequeno povoado vizinho de Sérignac Péboudou (CALVÓ, MARIRRODRIGA,2010, p 23).

Na época, havia a implantação de algumas tecnologias, onde a maioria da população carente do meio rural ficava a mercê da própria sorte, por não possuir os recursos necessários para implantação desses novos processos de modernização.

Além disso, a Europa se encaminhava para a Segunda Guerra Mundial, o que aumentou a quantidade de pessoas na cidade e ampliou o êxodo rural.

Para tentar conter este constante processo de migração, pensou-se em aprimorar o processo de formação dos jovens, buscando-se para o campo, uma formação humanizada, unindo-se à profissionalização dos jovens e suas famílias.

No entanto, havia preocupação por parte da sociedade local para tentar conter o êxodo, principalmente dos jovens, então, nessa época surgiram três grandes lideranças, Jean Peyrat, Arsène Couvreur e o padre Granereau. (Calvó, Marirrodriga,2010, p 23).



A partir do diálogo, buscaram formação que se identificasse criticamente com a realidade na qual os jovens estavam inseridos e, assim se viu o advento das Maisons Familiares, inicialmente com quatro jovens, juntamente com a Pedagogia da Alternância (Calvó, Marirrodriga,2010, p 23).

No fim da década de 60, surge então no Espírito Santo a primeira CFR no Brasil, em um local cujas dificuldades naturais e sociais eram constantes. Na região Sul, a primeira CFR nasceu em Barracão no Paraná, em 1986. (Calvó, Marirrodriga,2010, p 168).

Em Santa Catarina, especificamente nasceu no Município de Quilombo, praticamente após a segunda metade dos anos 90, em virtude dos grandes problemas de endividamentos e empobrecimento do camponês.

O Plano de Formação organiza, planifica os temas levantados na Pesquisa Participativa, que consiste na assembleia da Associação das famílias, a partir dos anseios destes sujeitos.

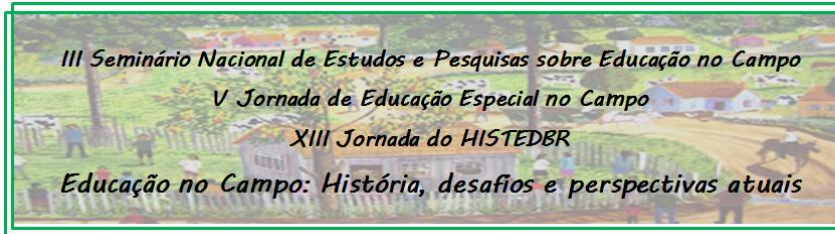
Além disso, esta assembleia, conta com a participação dos parceiros, como movimentos sociais, grupo de trabalho da CFR e entidades vinculadas às esferas governamentais.

O Plano de Formação propõe para cada alternância um tema, que representa um projeto de estudo no meio familiar, ou no meio profissional, que permita ao jovem levantar os conhecimentos tradicionais e partir desses conhecimentos buscar o caráter científico, técnico para explicar os fenômenos da vida.

No Plano de Formação, elaborado pelas famílias a partir da Pesquisa Participativa, estão inseridos outros importantes instrumentos da Pedagogia da Alternância, tais como:

Plano de Estudo: é um instrumento que o jovem leva da Casa Familiar, para levantar os elementos da vida do meio profissional durante a alternância na sua residência, permitindo o diálogo com sua família.

O Plano de Estudo permite que cada jovem a sua maneira informe-se, busque informações, através da pesquisa e da análise, também refletir e se expressar, pois os temas são escolhidos pelos jovens, pais e as entidades envolvidas através da Pesquisa Participativa.



Os vários Planos de Estudo juntos formam o “Plano de Formação”, com o objetivo de favorecer percepção global e curiosa dos problemas da vida, do dia a dia de cada jovem e de sua família.

Conta com a participação dos monitores da CFR, para debater e construir juntamente com os jovens e suas famílias, diferentes formas para a busca de alternativas para desvendar as situações limitantes.

Colocação em Comum: É uma atividade chave no processo da formação, provoca e faz a ligação entre o “Plano de Estudo”, construindo novos conhecimentos. A Colocação em Comum consiste em agrupar as informações colhidas de cada jovem durante a alternância com a ajuda do Plano de Estudo, provoca o monitor e os jovens a fazer uma reflexão do grupo no primeiro dia da semana, geralmente na segunda-feira, no início do encontro.

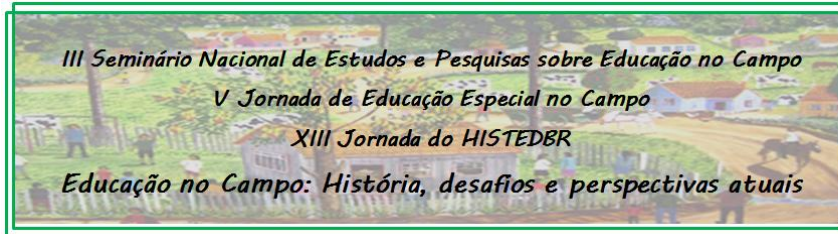
- **Visitas de Estudo:** Durante a alternância, mais especificamente na quarta-feira, é feita uma Visita de Estudo em uma propriedade, empresa ou projeto da região e ligado ao tema abordado durante a semana. O objetivo consiste em realizar pesquisa conjunta sobre a realidade de um produtor, projeto ou empresa, com relação ao Plano de Estudo que está sendo vivenciado na semana de acordo com a realidade de sua propriedade.

- **Visitas às Famílias:** É feita justamente para constatar a realidade pela qual a família está inserida e acompanhar o grau de evolução que o jovem e sua família alcançam ao longo da trajetória na CFR e também após o período que o mesmo deixa de estudar nesta instituição educativa.

- **Atendimento Personalizado:** Normalmente ocorre logo que o jovem chega à CFR e consiste na primeira conversa individualizada, para sentir como foram as duas semanas que o mesmo permaneceu na sua propriedade e também para conferir as tarefas encaminhadas como tema, traçado pelo Plano de Estudo e o Caderno da Alternância.

- **Caderno da Realidade:** Livro de vida do jovem, local onde registra suas pesquisas e todas as atividades ligadas aos Planos de Estudo nos ciclos das alternâncias;

- **Cadernos Didáticos:** É uma modalidade do livro didático elaborado para auxiliar o aprofundamento ao tema do Plano de Estudo;



•Cadernos da Alternância: Um documento que registra o que é feito na CFR e no meio socioprofissional. É um instrumento de comunicação escrita e avaliação entre escola-família e família-escola.

•Projeto Profissional de Vida do Jovem: É o momento em que o jovem apresenta seu projeto profissional de vida, tanto na escrita, quanto na prática, com o apoio de monitores e professores da Instituição, bem como de sua família.

Segundo Caldart (2012 p.36) nesta perspectiva, necessita-se, portanto, de uma nova escola que desenvolva no educando a formação para a vida, “produz conhecimento, cria habilidades e forma sua consciência”. Uma escola que “vincule a educação às questões sociais inerentes à sua realidade”, do campo, e não a escola que reproduz as atuais relações sociais de produção entre o capital e o trabalho e atende aos interesses capitalistas. (ARROYO; CALDART; MOLINA. 2009, p. 53).

Muitas vezes, a lógica de formação das escolas, normalmente a serviço do sistema capitalista, é pensada não para libertar, mas para ficar alinhados, ou melhor, alienados a esse sistema, dentro do próprio contexto escolar.

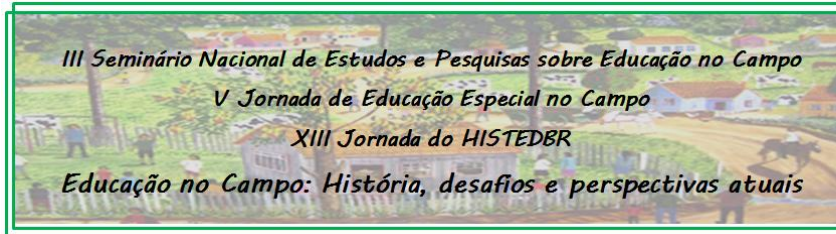
No entanto existem espaços de resistência, principalmente aqueles que vinculam a valorização do ser humano e não das coisas, principalmente as escolas do campo.

Considerações Finais

Quando se inicia uma pesquisa, é traçada uma meta que vise atingir os objetivos propostos, ou mesmo as hipóteses ou até mesmo as indagações que norteiam um determinado tema.

Focaliza-se neste artigo, indagações sobre os aspectos relacionados a situação atual dos jovens egressos da primeira turma formada em CFR Santo Agostinho de Quilombo- Santa Catarina, a partir da Pedagogia da Alternância.

Analisar o processo de formação dos jovens, a partir da Pedagogia da Alternância, a constituição histórica da Casa Familiar Rural no município de Quilombo e a preparação para o mundo do trabalho, analisando esta perspectiva de formação como um espaço de formação de resistência.



Considerar que as unidades de produção onde estão inseridos estes jovens podem ser territórios de novas relações entre homem e sociedade, homem e natureza, onde o campo pode ser encarado como espaço de contradições, de história e cultura.

A prática dessa pedagogia não fica restrita ao espaço da escola, mas abrange o ambiente familiar, comunitário e institucional, enfim, uma formação integral dos jovens e de seus familiares, numa perspectiva de não alienação, mas de libertação.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. Brasília: UNESCO, 2001.

ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna (org.). Por uma educação do campo. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AZEVEDO, Antúlio. José. A Formação de Técnicos agropecuários e a alternância no Estado de São Paulo: uma proposta inovadora. Tese de Doutorado, Marília, 1998.

BEGNAMI. João Batista. Formação Pedagógica das Escolas Famílias Agrícolas. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2004.

CALDART, Roseli. Pedagogia do Movimento sem terra. Petrópolis: Expressão Popular. 2012.

CALVÓ, Pedro Puig; MARRIDROGA, Roberto Garcia. Formação em Alternância e Desenvolvimento Local: O Movimento Educativo dos CEFFA no Mundo. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

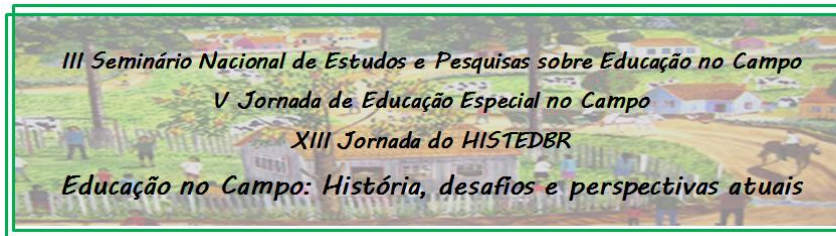
ESTEVAM, Dimas de Oliveira. Educação no Campo e o Papel da Casa Familiar Rural de Quilombo-SC na Perspectiva dos Atores Sociais. UFSC Florianópolis, 1996

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler. São Paulo: Paz e Terra, p.25. São Paulo. 1981.

GIMONET, Jean. Claude. A Alternância na Formação. Método Pedagógico ou um novo sistema educativo? A experiência das MFRs. In. Revista da Formação por Alternância Paris, 1998.

MARX, Karl. O capital: a crítica da economia política. Livro I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. v. 1 e 2.

PIAGET, Jean. Sobre Pedagogia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.



SANTOS, Milton. Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAQUET, Marcos Aurélio. Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SKRZYPCZAK, Valdir. A educação e a qualificação dos trabalhadores do Campo e da cidade na lógica do capital agroindustrial, na cidade de Xaxim-SC. Francisco Beltrão: Unioeste, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savério. A propósito dos paradigmas de orientações teórico – metodológicas na Geografia contemporânea. Terra Livre. São Paulo: AGB, n. 16, 2001 p. 99-112.

TESTA, Vilson Marcos. O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense: proposta para discussão. Florianópolis: EPAGRI, 1996.